

'BERÇÁRIO'. Sementes estão sendo cultivadas no Laboratório de Agronomia da Ufal, em Arapiraca

Projeto combate extinção de cactos

Usadas como alimento para gado durante a seca, plantas como mandacaru, xique-xique e coroa-de-frade estão se tornando raras no Sertão

PATRICIA BASTOS
REPÓRTER

Arapiraca — A seca dos últimos anos foi implacável até mesmo com as espécies de plantas acostumadas com a escassez prolongada de água. Mas não foi a falta de líquido que fez com que os cactos se tornassem ainda mais raros no Sertão. Foi a fome dos animais. Na falta de alimento para o gado que estava morrendo de fome, muitos produtores rurais do Médio e Alto Sertão se viram obrigados a extrair as plantas símbolo das regiões áridas.

Cactáceas como mandacaru, xique-xique e coroa-de-frade praticamente desapareceram das propriedades rurais e são encontradas apenas em áreas de preservação da caatinga. Essa foi uma das motivações para o projeto executado pelo Centro de Referência em Conservação da Natureza e Recuperação de Áreas Degradadas (Crad) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) para a propagação dessas espécies.

"Essas cactáceas não têm importância econômica muito forte. Algumas pessoas utilizam de forma ornamental, e a coroa-de-frade vem sendo explorada pela alta gastronomia,

em pratos exóticos, mas, mesmo assim, não existe uma cultura de cultivo dessas espécies, cuja exploração se dá pela simples extração. Por causa da seca, em 2014 percebemos que elas estavam sendo utilizadas pelos agricultores para alimentar o gado fazendo com que essas plantas se tornem ainda mais raras na região, então decidimos montar o projeto para a propagação dessas espécies", explicou o professor de Fisiologia das Plantas da Ufal, José Vieira Silva, coordenador do Crad no Campus Arapiraca.

De acordo com o especialista, as chances de essas espécies entrarem em extinção são baixas, porque as plantas estão acostumadas a conviver com climas adversos. No entanto, se não houver uma preocupação em reproduzir as plantas, é possível que, em algum tempo, encontrá-las na natureza, fora dos vasos ornamentais, será muito difícil. "Essas cactáceas são de difícil reprodução e têm um desenvolvimento muito lento. Elas levam décadas para chegar num tamanho médio. Esse é um dos motivos pelos quais há pouco interesse no plantio de cactos", justificou.

José Vieira explicou que, no começo da pes-

quisa, em 2014, quando estavam sendo coletados exemplares de mandacaru, xique-xique e coroa-de-frade, eles encontraram alguns agricultores que apresentaram técnicas rudimentares para cultivo dessas espécies. Segundo ele, quem queria reproduzir uma planta costumava cortar a parte de outra e simplesmente plantava no solo, como costuma-se fazer com a palma, que é cultivada em escala comercial. "Na verdade, se trata de uma clonagem, e não de uma reprodução, porque a nova planta terá o material genético idêntico daquela que a originou. Mas a variedade genética é importante para criar plantas com características próprias e mais resistentes", destacou.

Por causa disso, em vez de trabalhar com enxertos, a pesquisa do Crad produz mudas a partir das sementes, que, ao contrário das plantas, são muito frágeis e necessitam de condições específicas para brotar. "Quando caem no solo e ficam expostas, é muito raro que sobrevivam",



Fragilidade

Ao contrário das plantas, sementes de cactos são frágeis e necessitam de condições específicas para brotar



PATRICIA BASTOS

Mudas de cactáceas serão plantadas no Sertão para que esse tipo de planta não desapareça da região

completou. No laboratório de Agronomia da Ufal, as sementes são colocadas em bancadas de luz para germinação de sementes. "Fazemos experimentos com vários tipos de luz para ver quais são as sementes que mais se desenvolvem. Até agora vimos que, na luz branca e na luz vermelha, as sementes germinam rapidamente. O mesmo não acontece na luz azul. As sementes do nosso experimento que ficaram expostas à luz azul não brotaram".

Das bancadas, as sementes são transferidas para uma estufa que o professor chama de berçário, onde os alunos passam a acompanhar o desenvolvimento das plantas no clima ambiente. "Ao contrário do que muita gente imagina, os cactos têm um desenvolvimento muito lento. Temos amos-

tras com 18 e 20 meses que estão bem pequenas ainda, com menos de 30 centímetros. Vamos esperar que elas se desenvolvam um pouco mais antes que sejam plantadas", disse, mostrando matrizes de coroa-de-frade, utilizadas para a extração de sementes. "Estas aqui seguramente têm mais de uma década de vida".

O Crad faz parte do projeto de Revitalização do Rio São Francisco e recebe financiamento federal. O objetivo principal do centro é fornecer meios e revitalizar a mata ciliar em áreas degradadas da bacia, por isso, além das cactáceas, também há projetos em desenvolvimento para a reprodução de outras espécies da caatinga, como craibeira, ipê, juazeiro, braúna, catingueira, arapiraca, mulungu, oiti, pau-ferro, entre outras.

"Temos várias espécies em estudo, que fazem parte de trabalho de conclusão de curso e de pesquisas de mestrado. A intenção é que todas essas mudas sejam utilizadas para repovoar áreas degradadas. Por conta da crise, o financiamento está atrasado, mas em junho iremos fazer o plantio de duas mil mudas em uma área de dois hectares em Paulo Afonso", destacou.

Além de acompanhar o desenvolvimento das plantas no laboratório e no berçário no Campus da Ufal em Arapiraca, a pesquisa não é concluída quando as mudas são plantadas. "Depois, a gente continua acompanhando o desenvolvimento das plantas, de acordo com as condições do local onde foi plantada, para tentar ter a maior eficiência e resistência das plantas", ressaltou. ☉